

Ex-Seminaristas Vicentinos

**200 ANOS DA PBCM NO
BRASIL**

**Memórias de quem fez parte
desta história**

2020

Organizadores:

Osmar Rufino Dâmaso

Mauro Sérgio Santos da Silva

Marcus Alexandre M. de Andrade

À Província Brasileira da Congregação da Missão,
em seu ano jubilar,
comemorando os 200 anos de sua chegada ao Brasil

Mas cada homem não é apenas ele mesmo; é também um ponto único, singularíssimo, sempre importante e peculiar, no qual os fenômenos do mundo se cruzam daquela forma uma só vez e nunca mais. Assim, a história de cada homem é essencial, eterna e divina, e cada homem, ao viver em alguma parte e cumprir os ditames da Natureza, é algo maravilhoso e digno de toda a atenção. Em cada um dos seres humanos o espírito adquiriu forma, em cada um deles a criatura padece, em cada qual é crucificado um Redentor.

(Herman Hesse, O Demian)

Experimentei grande alegria por uma de vossas cartas, na qual me escreveis que estais pronto a deixar o trabalho que tendes, a vos submeter a outro e a fazer tudo que a santa obediência vos determinar. Louvo a Deus por vos adaptardes assim a toda situação e circunstância, segundo o beneplácito de Deus. Isso mostra quanto desejais ser um bom cristão e um verdadeiro missionário.

(Carta de São Vicente ao Padre Marcos Coglée,
03 de maio de 1651)

Continuai a cumprir a vontade de Deus em tudo; confiai nele, oferecei-vos a Ele, invocai-o e não duvideis de que ele seja vossa força, vossa consolação e, um dia, a glória de vossas almas.

(São Vicente, conferência às Filhas da Caridade de Saint-Étienne-à-Arnes, 18 de março de 1651)



S. VINCENTIVS A PAVLO

INTRODUÇÃO

“Trata-se de conhecer a árvore por suas folhas, isto é, ao Padre Vicente por suas palavras, assim como por seus frutos, como já disse, para a edificação da posteridade que, vendo-o reviver somente por suas ações, poderia dizer-lhe o que um filósofo disse a outro, em certa ocasião: ‘Fala, se queres que te conheçam’”

[Memórias do Irmão B. Ducourneau (SV XII, 448)]

Todos sofremos os implacáveis efeitos da passagem dos tempos. Entretanto, este mesmo tempo que a nós faz perecer, impinge aos tempos de antanho uma irrefragável forma de beleza, posto que são justamente as pinceladas do correr dos anos que tornam exuberantes, por exemplo, o Coliseu em Roma, a Acrópole ateniense, as Pirâmides do Egito, o Engenho e o Caraça das Minas, o Monjolinho das Gerais, no Sertão da Farinha Podre, o Casarão da Barão de Rio Branco, em Petrópolis. Contudo, toda essa heráldica herança seria impossível ou, no mínimo, inexprimível, não fossem os homens exímios contadores de histórias.

O homem é um animal que fala. É por meio de palavras que ingressamos no mundo genuinamente humano. A habilidade da linguagem – da qual a escrita é uma de suas expressões mais complexas – é fator de distinção entre os seres humanos e os outros animais.

A palavra – notadamente, neste caso, a palavra escrita – é manifestação da humanidade do homem, é possibilidade de humanização e também de transcendência. Quando

escrevemos, trazemos à baila nossa humanidade pelo golpe da palavra. E, no escrever, nos humanizamos, caminhamos, *pari passu*, na direção do que somos. Mas, no limiar deste itinerário, tocamos, outrossim, o extremo de nós mesmos e, destarte, transcendemo-nos. Nas palavras de Antoine Prost, “*a história é um trabalho para humanizar a humanidade em cada um e em todos*”, por isso, “*enquanto houver história, haverá homens*”.

Escrever é, pois, traduzir em palavras a essência dessa aventura a que denominamos existência. Contar histórias, narrar, descrever é evitar o absurdo que seria o mundo se as memórias não pudessem ser salvaguardadas, protegidas do esquecimento, pois fazer memória significa combater ininterruptamente o caráter perecível do mundo, fazendo, deste, nossa morada. Quem conta uma história, reconcilia-se com o mundo, com a vida e consigo mesmo. Segundo a filósofa alemã de ascendência judaica, “*toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história*”.

Descrição para a compreensão (*understanding*). É isto que propomos, antes de tudo: descrever, pois apenas descrevendo detalhadamente podemos compreender aquilo que somos e o que fizeram de nós para que, destarte, encontremos caminhos para nos transformarmos naquilo de decidimos ser.

Nesta direção, dezenas daqueles que outrora engrossaram as fileiras da Província Brasileira da Congregação da Missão (PBCM), capitaneados pelo dinâmico, entusiasta e visionário Marcus Alexandre expõem, aqui, cada um à sua

maneira, suas singelas participações nas últimas décadas deste mirífico bicentenário da Congregação da Missão no Brasil. Expressam suas perspectivas pessoais, narram vicissitudes, descrevem-se, revelam-se, desvelando eventos e experiências que poderiam ser levadas pelas ventanias do tempo, não fossem empreitadas como essa.

Com efeito, há um elemento que perpassa todos esses relatos: o sentimento de que a passagem pela PBCM deixou em todos marcas indeléveis. Permanecemos na PBCM outrora. No entanto, ela, de alguma forma, permanece – ainda que de forma diversa – em cada um. Muitos foram aqueles que, durante períodos significativos de suas vidas pertenceram a essa história e, nesta sorte, sentem-se também herdeiros deste legado espiritual e jubilar.

Assim, as páginas que se seguem emanam do sentimento de que fazemos parte deste faustoso empreendimento. Delas exaram dores ressignificadas e alegrias revividas. Fazem despertar salutar e seminal nostalgia, plácido saudosismo e uma saudade quase indizível.

Esta obra que ora apresentamos é o registro de parte da trajetória desse egrégio sodalício que se constituiu, consentânea com seu carisma, em um celeiro de vocações religiosas e sacerdotais, mas que também fez germinar missionários fecundos e cidadãos virtuosamente inseridos na sociedade: educadores, professores, militares, escritores, jornalistas, artistas, militantes de movimentos sociais, lideranças comunitárias, sindicais e políticas difundidas por todo o país; figuras notadamente influenciadas pelos ideais do

Fundador e, porquanto, afetiva e efetivamente comprometidas com a justiça do Reino.

Inúmeros foram os que, tendo sido convidados, não puderam, por razões diversas, dilatar as linhas deste memorial, mas que, desejamos, sobejamente, poder fazê-los aqui representados.

Na primeira seção, figuram relatos daqueles que frequentaram os seminários dos lazaristas nas últimas décadas e, no meio do caminho, por motivos díspares, não se tornaram missionários vicentinos na PBCM, mas, entretanto, sentem-se movidos pelo fogo abrasador e o enlevo da primeira hora.

Em seguida, as memórias dos companheiros que foram ordenados. Conquanto, quis a Providência, fossem esses também enviados a outras paragens: o sacerdócio secular, o enlace matrimonial, a docência, o voluntariado, mas, ainda assim, inspirados pelo ardor missionário do Santo Fundador.

Na terceira e na quarta partes, o conjunto de memórias tenta reconstituir, a partir de fragmentos do cotidiano, a atmosfera da vida dos/com os lazaristas em suas dimensões: vicentina, humana, intelectual, espiritual, apostólica e comunitária; da formação à missão: as orações, os estudos, o trabalho, as refeições, o esporte, o lazer, as ações pastorais...

A última seção, por seu turno, destina-se a homenagear aqueles que fizeram a passagem para o Reino Definitivo, mas, indubitavelmente, através de suas memórias, tomam parte da mesa nesta celebração jubilar.

A obra “200 Anos da PBCM no Brasil: memórias de quem fez parte desta história” é um livro solidário e generoso. Com as virtudes e arestas de trabalhos coletivos, esta obra, redigida a várias mãos, é constituída a partir da dadivosa oferta de cada um dos envolvidos, empenhados em fazer eco à exortação vicentina:

Eu vos peço, então, que não interrompais este bom costume de comunicar-nos todos os bons resultados que aprouver a Deus dar aos trabalhos de vossa família, cuidando somente de não levar adiante nada que não seja útil e verdadeiro, o mesmo que procurarei fazer ao relatar o que ocorrer aqui [Carta ao Padre Jean Dehorgny, superior de Roma, de 20 de junho de 1653 (SV IV, 614)].

Que Maria Santíssima, a primeira educadora do Cristo, aquele que aos seus ensinava por meio de histórias e parábolas, nos abençoe na tarefa de atribuir sentido e preservar o que há de precioso no mundo, mantendo o bom costume de comunicar, com a simplicidade vicentina, o que é significativo e edificante para a construção do Reino.

27 de setembro de 2020
Solenidade de São Vicente de Paulo
360 anos da morte do Fundador
200 anos da chegada dos
primeiros Padres Lazaristas ao Brasil

No devagar depressa dos tempos...

Mauro Sérgio Santos da Silva

Fizemos história!
Contamos histórias,
contamos os dias, as horas;
contamos com os outros.
Cantamos em roda,
Encantamos,
Encantamo-nos diversas vezes,
em cantos p-a-r-t-i-d-o-s, di-versos.

Construímos universos: de lutas, desejos e sonhos!
Conhecemos olhares que iluminaram esquinas e curvas e noites
Guardamos sorrisos, abraços, palavras,
enleios, partilhas, chegadas, partidas
Arranjos, encontros, desencontros e despedidas.

E nesse “devagar depressa dos tempos”
reconhecemos “o mais importante e bonito do mundo:
“que as pessoas (e as coisas) não estão sempre iguais,
ainda não foram terminadas,
vão sempre mudando” (G.Rosa)

Aprendemos que todo ponto final é lugar de passagem. Por isso:
partimos ante a pretensão de verdades irrefutáveis;
seguimos em frente, quando da revelação de certezas absolutas;
ignoramos os lugares estabelecidos;
reviramos o que antes parecia imutável.